

PEDAGOGIAS DECOLONIAIS E ANTIRRACISMOS: A POTÊNCIA DAS PRÁXIS DECOLONIAIS

DECOLONIAL PEDAGOGIES AND ANTI-RACISM: THE POWER OF DECOLONIAL PRACTICES

Arielle Ramos dos Santos¹

1

DOI: <https://doi.org/10.22481/sertanias.v6i1.18525>

SILVA JÚNIOR, Diomario da *et al.* **Pedagogias Decoloniais e Antirracismos: a Potência das Práxis Decoloniais.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebook/550pedagogias>. Acesso em: 05. Jun. 2025.

O livro “Pedagogias Decoloniais e Antirracismos: a Potência das Práxis Decoloniais” é uma coletânea que foi resultado do I Seminário Integrado de Educação Popular, ocorrido de forma virtual diante do isolamento social causado pela Covid-19, entre os dias 25 de julho e 21 de novembro do ano 2020. Para a composição deste livro foram reunidos trabalhos que abordassem temáticas decoloniais, permitindo que a partir da escrita grupos historicamente subalternizados tenham suas vozes e escutas ativas dentro da sociedade. Com isso, o livro é organizado em duas partes: a primeira nominada de “*A potência da ação-reflexão decolonial*” é composto por quatro artigos. Já o segunda, “*A potência da reflexão-ação decolonial*”, reunido cinco artigos.

A primeira parte se inicia com o artigo da autora Leila da Silva Xavier, com título “*Caminhos outros para não chegar ao mesmo fim...*”. O capítulo faz uma reflexão sobre possíveis métodos que rompem com as narrativas coloniais diante da história da África e os corpos negros que ao longo do tempo foram colocados como desumanos e inferiores diante da

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós-graduanda em Estudos do Atlântico e da Diáspora Africana pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (ODEERE) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pesquisadora na área da Educação, com ênfase nas relações étnico-raciais e na construção de práticas pedagógicas antirracistas. E-mail: ramosarielle62@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1305-811X>



humanidade. A autora apresenta ao leitor o Cinema Negro, que é pensado e elaborado por cineastas negros partindo de uma perspectiva e movimento decolonial, permitindo que os sujeitos sejam protagonistas das suas próprias narrativas, rompendo com a cultura hegemônica, responsável por toda negação histórica, moral e intelectual. Ao longo da obra, fica evidente como o Cinema negro é um palco de resistência, reafirmação identitária e resistência na luta antirracista.

O segundo capítulo é de autoria de Carolina Angélica Ferreira Netto, intitulado “*Anastácias – um movimento educador antirracista no teatro das oprimidas*”. A autora inicia seu trabalho fazendo um breve panorama histórico sobre o TO (Teatro das Oprimidas) e, em seguida, apresenta o surgimento do Coletivo Madalena-Anastácia, na cidade do Rio de Janeiro em 2015, que é pensando e criado através da ferramenta de diálogo do TO. O teatro das Oprimidas surge a partir de inquietações das mulheres pertencentes ao TO, objetivando criar um espaço na qual suas pautas não fossem negligenciadas. E a partir desta iniciativa, o Coletivo Madalena-Anastácia aborda em suas obras a luta a contra o racismo, a interseção de gênero, raça e patriarcado na vida de mulheres negras. Toda essa opressão e luta contra a igualdade ocorre através da música, teatro, formações intelectuais e políticas, dentre outras formas de arte e movimento. O texto nos leva a refletir sobre a importância de ocuparmos lugares que nos deem voz e escuta frente às nossas angústias, de forma que nossas narrativas sejam legitimadas e valorizadas.

O terceiro capítulo, intitulado “*A espada branca nas mãos negras: afrofuturismo, políticas de raça e representação nos animes*” é escrito por Elbert Agostinho e Michele Delbon Silva. Os autores apresentam uma reflexão sobre a presença de personagens negros, sua representação e protagonismo em animes (animações japonesas). Agostinho e Silva fazem um breve contexto sobre o afrofuturismo, um gênero artístico de movimento estético e cultural que relata a luta, desafio e resistência dos negros em sociedade através da tecnologia, ficção e ancestralidade. Em seguida, o texto aborda um outro gênero/ o Afro Samurai, um mangá seinen, destinado aos adultos, permitindo reconhecer várias formas de representações, em que os negros sejam vistos através dos seus símbolos, ideia de pertencimento, possibilitando, assim, o fortalecimento das narrativas, representações e afirmação da identidade negra. Outro anime apresentado é: “A ANIMAÇÃO “YASUKE” que conta a história de um protagonista que vive em desvantagem, colocado sempre em situações vulneráveis, no entanto, o protagonista persiste



e luta contra seus adversários. Por fim, “NEGRITUDE NOS MANGÁS E ANIMES”, devido a falta de negros nos magás, representando apenas 1,7% da população, por esse motivo a população predominante é a japonesa. Devida à escassez, os magás são reproduzidos em preto e branco, a pele negra é representada através de pontinho pretos aplicados sobre os desenhos. Assim, é de grande importância que histórias reais sejam contadas através das telas e conectadas às narrativas reais.

O quarto capítulo da primeira parte é escrito por Vinícius de Luna Chagas Costa, Diomario da Silva Junior e Marcus Vinícius Castro Faria, com título: “*Um relato de experiência sobre o trabalho de campo na baixada fluminense: diálogos por uma geografia antirracista*”. O estudo é resultado de uma atividade desenvolvida na campanha “21 dias de ativismo contra o racismo”, no ano de 2020, evento organizado e promovido pelo Movimento negro. O foco do trabalho é o desenvolvimento de discussões com professores e estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Governador Roberto Silveira, localizada em Mesquita/RJ, acerca das questões raciais através de um roteiro geográfico, tendo como pauta a discussão da formação territorial negra daquela região. Os autores ainda afirmam que pensar a Geografia enquanto ciência é dialogar com os territórios a partir dos seus diferentes grupos étnicos, considerando suas diferentes características e intersecções.

A segunda parte do livro nominada de “*A potência da reflexão-ação decolonial*”, inicia suas discussões com o estudo de Michele Guerreiro Ferreira e Janssen Felipe da Silva, que tem como título: “Educação das relações étnico-raciais e currículos antirracistas: “o caminho se faz entre o alvo e a seta”. O trabalho é resultado de estudos desenvolvidos na educação básica e no ensino superior sobre Currículo e Educação das Relações Étnico-raciais, a fim de compreender os caminhos percorridos entre a educação para as relações étnicos raciais e o currículo antirracista frente a lei 10.639/2003. Os autores afirmam que construir currículos antirracistas e educar para as relações étnico raciais é uma luta constante e tortuosa diante de um país caracterizado por uma política e herança colonial resultante do preconceito, racismo/sexismo epistêmico.

Em seguida, temos o estudo de Luiz Rafael Gomes, intitulado “*A imagem de África e o currículo branqueado*”, que faz uma análise de imagens estereotipadas da África e de como o continente africano é retratado nos conteúdos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) na disciplina de Geografia. O autor explicita a invisibilização e invalidação das populações



africanas, além do apagamento cultural e histórico africano no contexto brasileiro. Com isso, o estudo destaca a dificuldade para a construção de um currículo antirracista, visto que é uma luta contra o conservadorismo, no entanto, destaca a educação como um caminho de luta e resistência frente ao racismo e a importância da prática docente crítica que tem como objetivo formar seres intelectuais e críticos.

O próximo capítulo apresentado é *“Infâncias, colonialidade e educação infantil: na busca por pedagogias “outras”*, de autoria de Cecília de Campos Saitu. O estudo destaca como crianças são seres sociais e culturais e de como esses aspectos influenciam na construção de suas subjetividades e conhecimentos de mundo. A autora enfatiza a não romantização e universalização do conceito infância, pois essa fase é frequentemente afetada pelo preconceito religioso, racismo e outras formas de violação. Saitu propõe um olhar mais cuidadoso para a criança, na sua compreensão e construção de vida, lhe dando espaços e vozes para as suas inquietações. A partir desses questionamentos abordados pela autora, entende-se a necessidade da busca pela construção de práticas educativas que acolham essas crianças e suas particularidades.

O capítulo intitulado *“Por uma educação decolonial: movimentos em formação na licenciatura em Educação do Campo da UFRRJ”*, de Fabrícia Vellasquez Paiva, faz uma análise de práticas institucionais de ensino que mantém modelos tradicionais de ensino e de como as movimentações decoloniais resistem dentro desse mesmo espaço. O público-alvo dessa investigação foram alunos da turma do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Como recurso metodológico foram distribuídos os Cadernos reflexivos, ou cadernos de estudo da realidade, em que os alunos expressariam, em forma de escritas, desenhos e/ou colagem suas memórias, identidade, ancestralidade e vivências. Os cadernos analisados são marcados por memórias vivas, experiências pessoais e coletivas vivenciada pelos alunos, permitindo que os mesmos acessassem lembranças que por muitos formam invisibilizadas. Por fim, a autora reflete sobre a importância da Educação do campo como ponto de partida para outras formações e criações de novas pedagogias decoloniais.

Por fim, o estudo de Marcia Lisbôa Costa de Oliveira, com o título *“Pesquisa pós-abissal e pedagogias decoloniais na Pós-Graduação em Letras: uma experiência pandêmica e seus limites”*, reflete sobre a experiência de ensino em uma instituição de pós-graduação a nível





de mestrado, fazendo uma conexão entre os estudos pós-abissal e suas práticas decoloniais na formação de professores de línguas e literaturas, a fim de investigar como (im)possibilidades de descolonização da instituição universitária é possível para um espaço acadêmico transformador. A autora afirma que fazer movimentos decoloniais dentro da academia é romper pequenos muros construídos pela colonialidade, a partir disso, construir uma universidade possível.

Assim, a obra *Pedagogias Decoloniais e Antirracismos: a Potência das Práxis Decoloniais* se afirmar como uma contribuição relevante para o campo da educação, ao tensionar epistemologias hegemônicas e reafirmar práticas pedagógicas comprometidas com a justiça racial, social e cognitiva. Ao articular teoria e práxis a partir de uma perspectiva decolonial, o livro amplia horizontes formativos e oferece subsídios potentes para a construção de práticas educativas antirracistas, sensíveis às histórias, memórias e saberes historicamente subalternizados. Trata-se de uma leitura fundamental para professores/as da Educação Básica e do Ensino Superior, bem como para pesquisadores/as do campo da educação e das relações étnico-raciais, especialmente aqueles/as interessados/as em refletir e (re)inventar à docência a partir de compromissos éticos, políticos e epistemológicos alinhados à decolonialidade.

Recebido: 28 de dezembro de 2025

Aprovado: 29 de dezembro de 2025



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

